



A VIOLÊNCIA PRESENTE NAS RELAÇÕES ENTRE ALUNOS E PROFESSORES NO CONTEXTO ESCOLAR: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO¹

Helen dos Santos²

Resumo: O presente artigo científico aborda como tema “A violência presente nas relações entre alunos e professores no contexto escolar”. O objetivo geral é fornecer subsídios teóricos que contribuam para a reflexão da temática da violência presente nas relações entre alunos e professores no espaço escolar. Para tanto, os objetivos específicos que o norteiam são: verificar como o ambiente escolar pode ser potencializador de atos violentos praticados por alunos contra professores, identificar como o ambiente familiar pode contribuir para o desenvolvimento de atos violentos praticados por alunos contra professores no espaço escolar, identificar como o ambiente social pode contribuir para o desenvolvimento de atos violentos praticados por alunos contra professores no espaço escolar. Nesse sentido, esse estudo foi caracterizado como uma pesquisa bibliográfica, exploratória e descritiva sobre as categoriais centrais que envolvem a temática de estudo a partir das seguintes fontes: livros e artigos publicados nas seguintes bases de dados: *scielo* e *google* acadêmico a partir dos seguintes descritores: violência na escola e escola e família como espaço de construção da cidadania. Quanto aos livros este baseou-se na produção dos seguintes autores: Abramovay (2003/2005); Barreto, (1992); Colombier (1999); Cortella (2009); Cury (2003); Codo (1999); Maldonado (1997); Michaelis (2008); Minayo (1994) e Pereira (2000); Candau et al (1999) e Chrispino (2002). A análise dos dados obtidos com este estudo de cunho bibliográfico-exploratório-descritivo foi realizada por meio da técnica de consolidação, visando averiguação detalhada dos conteúdos pesquisados. Os principais resultados apontam para o fato de que tanto os professores como os demais funcionários da escola não estão adequadamente preparados para lidar com o aluno contemporâneo, nem com as situações de conflitos encontradas no espaço escolar e a necessidade urgente de efetivação de Políticas Públicas, leis e recomendações voltadas para a educação que possibilitem um ambiente escolar mais saudável.

Palavras-chave: Violência. Escola. Educação. Família

¹ Artigo apresentado como trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Educação e Direitos Humanos: escola, violências e defesa de direitos. Universidade do Sul de Santa Catarina. Orientador: Prof.^a Maria de Lourdes da Silva Leite Basto. Mestre. Araranguá, 2016.

² Acadêmica do curso de Pós-Graduação em Educação e Direitos Humanos: escola, violências e defesa de direitos. Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) helenstos@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo científico possui como finalidade abordar a temática da violência presente nas relações entre alunos e professores no espaço escolar. A escolha desta temática se deu em razão deste ser um tema crescente em nossa atualidade, bem como pelo fato da pesquisadora atuar como docente na rede pública de ensino e experienciar em seu cotidiano de trabalho relacionamentos interpessoais fragilizados, por conta de comportamentos violentos presentes na relação entre alunos e professores.

Sendo assim, percebe-se que a atuação do professor em sala de aula é severamente prejudicada pelas consequências da violência escolar, conseqüentemente, há a necessidade de maior aprofundamento teórico que permita fornecer subsídios que contribuam para a reflexão da temática da violência presente nas relações entre alunos e professores no espaço escolar.

Tendo conhecimento de que a educação é um processo contínuo cuja função é possibilitar que os indivíduos alcancem e desenvolvam as suas potencialidades ao longo da vida, cabe à escola por meio de sua ação educativa auxiliar na formação integral, no enfrentamento dos conflitos entre indivíduos, no desenvolvimento do espírito reflexivo da criança e do jovem, preparando-os para a construção da consciência crítica, visando que eles aprendam a ser e a conviver na sociedade como sujeitos conscientes e participativos.

Pode-se afirmar que a escola é o ambiente que contribui para o desenvolvimento e aprendizagem do aluno, mas, principalmente, na construção da cidadania a partir de espaços que proporcionem regras de convivialidade e sociabilidade, resgate da autoestima e construção de novas identidades que produzam novas formas das crianças e adolescentes se relacionarem e que, conseqüentemente, produza reflexos no fortalecimento dos vínculos tanto no espaço da escola, como na família e comunidade.

Portanto, consiste num espaço onde predomina a amizade, o respeito, o coleguismo, o diálogo. Porém, atualmente, a mesma exerce uma função distorcida, devido aos números alarmantes de casos que envolvem a prática de violências, sejam elas entre os alunos, contra o patrimônio ou contra os professores.

A violência na escola vem ganhando cada dia mais destaque na mídia e na sociedade nas últimas décadas, sendo que a violência presente na relação entre alunos e professores ocorre tanto na rede pública quanto na rede particular de ensino, não importando se em menor ou maior escala este tipo de violência sempre se faz presente.

São várias as notícias que chegam pela mídia, com relatos de professores ou histórias contadas pelos próprios alunos, que mostram uma escola antes concebida como local

de conhecimento, de amizade e socialização, transformada agora em um local onde quem exerce o magistério passa a viver uma profissão de risco.

Mediante essa constatação, busca-se abordar sobre a questão da violência nas relações entre alunos e professores no espaço escolar, pois nos últimos anos, alunos e professores de escolas públicas e privadas têm sido alvos de agressões físicas, verbais e psicológicas.

No intuito de contextualizar melhor esta temática, este artigo descreve, inicialmente, as delimitações metodológicas do estudo, na sequência serão apresentados alguns apontamentos teóricos acerca do termo violência na visão de alguns autores estudiosos dessa área do conhecimento, seguidos de algumas discussões acerca da escola como espaço de socialização da cultura e cidadania e de como a violência na escola se expressa nas relações entre alunos e professores, bem como a importância das Políticas Públicas no enfrentamento da violência no espaço escolar. Por fim, serão apresentadas as considerações finais.

2 DELIMITAÇÕES METODOLÓGICAS

Os procedimentos metodológicos dizem respeito ao caminho que deve ser percorrido no decorrer da realização de uma pesquisa científica.

Segundo Gil (2007, p. 17), pesquisa é definida como:

Uma atividade racional e sistemática que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados. Só se inicia uma pesquisa se existir uma pergunta, uma dúvida para a qual se quer buscar a resposta.

Pode-se afirmar então, que pesquisar é buscar ou procurar resposta para algo, mas para se realizar uma pesquisa científica, não basta apenas possuir o desejo de sua realização, pois é de fundamental relevância possuir algum conhecimento sobre o assunto em questão.

De acordo com Fonseca (2002, p. 15) existem duas razões que levam para a realização de uma pesquisa científica, que são: “razão intelectual (desejo de conhecer pela própria satisfação de conhecer) e razão prática (desejo de conhecer com vistas a fazer algo de maneira mais eficaz)”.

O presente artigo de cunho bibliográfico, exploratório e descritivo, consiste de uma pesquisa bibliográfica porque será realizada a partir do levantamento de referências

teóricas já escritas, analisadas e publicadas por meios escritos e/ou eletrônicos (livros, artigos científicos, páginas de web, entre outros).

De acordo com Fonseca (2002, p. 32):

Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Gil (2007, p. 44) complementa afirmando que: “os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são sobre investigações sobre ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema [...]”.

Para tanto, está dividido em 4 etapas: estudo bibliográfico sobre as categoriais centrais que envolvem a temática de estudo; estudos documentais sobre a violência no contexto escolar, com enfoque para a presente nas relações entre alunos e professores; estudos realizados em livros que abordam a temática de estudo e em artigos publicados nas seguintes base de dados: scielo e google acadêmico a partir dos seguintes descritores: violência na escola e escola e família como espaço de socialização da cultura e cidadania.

Quanto aos livros este estudo baseou-se na produção dos seguintes autores: Abramovay (Violências nas escolas, 2002/2003; Cotidiano das escolas: entre violências, 2005); Barreto, (Educação e Violência: reflexões preliminares, 1992); Codo, (Educação: carinho e trabalho, 1999; Colombier (A violência na Escola, 1999); Cortella (Qual é a tua obra? Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética, 2009); Cury (Pais brilhantes, professores fascinantes, 2003); Maldonado (Os construtores da paz: caminhos da prevenção da violência, 1997); Michaelis (Dicionário Prático de Língua Portuguesa, 2008); Minayo (Social Violence from a Public Health Perspective, 1994); Candau et al (Escola e Violência, 1999) e Chrispino (Mediação de conflitos, 2002).

A análise dos dados obtidos com este estudo de cunho bibliográfico-exploratório-descritivo foi realizada por meio da técnica de consolidação, visando averiguação detalhada dos conteúdos pesquisados.

3 APONTAMENTOS TEÓRICOS ACERCA DO TERMO VIOLÊNCIA: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

A violência está presente de diferentes formas no contexto da sociedade no decorrer da história da humanidade. De acordo com Minayo (1994, p. 7): “Não se conhece nenhuma sociedade onde a violência não tenha estado presente.”

O termo violência possui origem no latim (*violentia*) significando força. Segundo o Dicionário Prático Michaelis de Língua Portuguesa, violência é “a ação ou efeito de violentar, empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém), ato violento, crueldade, força”. (MICHAELIS, 2008, p. 916).

A Organização Mundial de Saúde (2002, p. 1.165) define violência como:

(...)o uso intencional de força física ou poder, sob a forma de ameaça ou real, contra si mesmo, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resulta ou tem uma grande chance de resultar em lesão, morte, dano psicológico, alterações no desenvolvimento ou privações.

Entretanto, existe uma pluralidade de conceitos e de significados sobre o termo violência, por isso torna-se difícil definir um conceito único para o referido termo. Isso faz com que falar sobre violência hoje, seja sem dúvida algo cuja dificuldade maior está em definir de forma completa um termo que a noção compreende coisas muito diferentes.

Contudo para Abramovay e Rua (2002, p. 30) afirmam que “apesar da complexidade do termo e da dificuldade de conceituação, existe um consenso básico. Todo ato de agressão - física, moral, institucional - que tenha como alvo a integridade do(s) indivíduo(s) ou grupo(s) é considerado ato de violência”.

Ainda de acordo com Abramovay (2005, p. 52): “a violência é dinâmica e mutável, pois as suas representações, suas dimensões e seus significados se modificam à medida que as sociedades se transformam”. Diante dessa citação pode se constatar que a definição de violência adquire significados diferentes de acordo com as características culturais, de tempo e de lugar presente em cada comunidade.

Portanto, essa questão da violência está presente em diversos âmbitos da vida em sociedade e por esse motivo tem sido constantemente exposta seja na mídia, seja nos estabelecimentos escolares, com foco em particular nas comunidades ditas “problemáticas”, geralmente, localizada nas periferias e subúrbios.

Ainda segundo Abramovay (2005) a violência é uma construção social, resultado de um processo ou de um conjunto de interações entre sujeitos em determinados ambientes

externos, internos ou institucionais, compreendendo formas materiais ou rumores que circulam na sociedade.

A questão da violência nas escolas hoje é uma temática que torna a aparecer, sendo exposta pela mídia e através dela por seus próprios agentes no ambiente escolar. No entanto, em uma época anterior, a violência na escola tinha diferentes faces: no tratamento dos professores com o seus alunos, ou nas ruins relações entre os próprios alunos nos estabelecimentos de ensino.

O que há de novo então na violência na escola para estar sendo tão focada nos dias atuais são as novas faces que ela vem assumindo.

Para esclarecer mais sobre a violência escolar cito Priotto, Boneti (2009, p. 162)

São todos os atos ou ações de violência, comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, marginalizações, discriminações, dentre outros praticados por, e entre a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, familiares e estranhos à escola) no ambiente escolar.

Atualmente, a violência se associa a diferentes práticas sociais que se encontram presentes no cotidiano do ser humano, que se manifesta por meio de pensamentos e/ou de ações e resultam em sentimento de insegurança.

Sabemos que outros fatos violentos em escolas envolvendo homicídios, estupros e armas foram registrados em épocas anteriores e que hoje em dia são muitos raros, o que não diminui a impressão atual que temos de que mesmo assim não há limites para nada e de que tudo pode acontecer daqui por diante no ambiente escolar, o que nos enche de temor e contribui para o sentimento de angústia que temos em face de realidade escolar atual e suas situações de violência em seus ambientes.

A manifestação da violência vem carregada da afirmação de poder sobre o outro e a conquista desse poder é o que gera as diversas formas de violência. As circunstâncias que envolvem manifestações violentas são consequências das práticas cotidianas de discriminação, preconceito, do abuso da autoridade e do poder presente no mundo adulto ou do despreparo para se criar mecanismos de controle de situações de conflito na vida em geral ou na gestão escolar.

Para Nunes e Abramovay (2003) alguns aspectos são relevantes no auxílio para a definição e explicação da violência escolar: questões de gênero (masculinidade e feminilidade); questões sobre relações raciais e de etnias (racismo e xenofobia); situações familiares (características sociais das famílias); influência dos meios de comunicação (rádio, TV, revistas, jornais etc.); o espaço social das escolas (o bairro, a sociedade); a idade e a série

ou nível de escolaridade dos estudantes; as regras e a disciplina dos projetos pedagógicos das escolas, assim como o impacto do sistema de punições; o comportamento dos professores em relação aos alunos e à prática educacional em geral.

Acrescentando ainda outro ponto para a melhor compreensão da violência escolar, Charlot (2002) aponta como necessária a distinção de três conceitos: violência à escola, da escola e na escola.

Para ele, violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar, é o tipo de violência que poderia acontecer em qualquer outro local.

A violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar.

Já a violência da escola é uma violência institucional, simbólica, exercida através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam.

Para Abramovay (2003) e Priotto (2008) a violência escolar pode se expressar através dos seguintes eventos: na violência física, na agressão física, na violência simbólica e na violência verbal.

A violência física seria aquela em que há a ação de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro ou de grupos e também contra si mesmo; a agressão física seria a ação com o uso do porte de armas que ferem, sangram e matam; a violência simbólica seria a ação verbal-institucional, baseado no abuso do poder e autoritarismo e a violência verbal seriam as incivildades, humilhações e palavras grosseiras, intimidações ou *bullying*.

Ainda de acordo com os autores supracitados, são apontadas como causas da violência, famílias em situação de vulnerabilidade e risco social, violência intrafamiliar, alcoolismo, tóxico, dependência, detenção prisional, pais que se apresentam muitas vezes omissos, ou seja, ausentes dos problemas escolares dos filhos, não incentivando os estudos, não impondo limites, transferindo para a escola a responsabilidade da família. Todo esse cenário contribui para que os indivíduos que vivem estes problemas familiares sejam sujeitos e alvos de violência.

Os alunos também são agentes geradores de violência quando há falta de perspectivas, descrença nas instituições, desinteresse pela escola, falta de identificação com os professores e com a escola, consumo de drogas, entre outros. Também há os grupinhos, as “panelinhas” e turminhas, que acabam por exercer forte efeito influenciador, determinando ou modificando certos comportamentos que os adolescentes demonstram, sendo a consequência do desenvolvimento de processos de reproduções de ações, ou seja, imitações das ações e comportamentos de outros membros do grupo, buscando subliminarmente a sua aceitação

pelos mesmos. Todavia, expressões públicas de atitudes e comportamentos violentos atuados pelos jovens, nada mais é que um sintoma da necessidade de se obter o respeito, o reconhecimento ou a admiração do restante do grupo, dentro e fora da convivência escolar.

A adolescência faz parte do ciclo de desenvolvimento da vida do ser humano. Ela é o período de desenvolvimento do ser humano que estabelece a transição entre a infância e a idade adulta caracterizada por transformações e mudanças nas esferas física, mental e social. É também nesta fase que conflitos e dúvidas tornam-se frequentes. Esses impasses acabam por provocar o reposicionamento nas formas de comportamento caracterizada comumente pela manifestação de embates internos e externos, ou seja, consigo e com o outro. Pois como afirma Ferreira e Farias (2010, v. 26 n. 2, p. 227): “A adolescência é uma época de grandes transformações, as quais repercutem não só no indivíduo, mas em sua família e comunidade”.

A desigualdade social é outro fator preponderante no desencadeamento da violência escolar. Os problemas causados pela desigualdade social, tais como a miséria, a fome, o estresse causado pelo desemprego, a falta de condições dignas de sobrevivência, a falta de acesso a bens como saúde e educação têm sido frequentemente relacionados à violência.

Também outro causador importante é a influência da mídia (rádio, TV, revistas, jornais, internet, cinema, games, etc.). Através dela há a divulgação de culturas e ideias que contribuem significativamente para a propagação das violências. Não há como ignorar o fato de que a mídia é uma forte formadora de opiniões e que as ideias e concepções por ela transmitidas aos jovens interferem em seus comportamentos em sociedade. Não que ela seja a grande vilã da história, porém entende-se que há uma significativa necessidade de cuidar do que através dela está sendo veiculado.

É notável a complexidade ao falar-se sobre violência, mesmo direcionando essa fala para uns dos tipos de violência existentes nos dias de hoje,- a violência nos ambientes escolares. Por esta razão, seria impossível discutir neste artigo as múltiplas formas de violências e seus enfrentamentos e em seus variados níveis. O primeiro nível seria institucional, onde a violência é provocada pelas condições socioeconômicas e culturais e pela atividade das diversas instituições sociais, como a escola. A interpessoal que se manifesta nas relações entre pessoas e grupos; e a individual onde cada indivíduo apresenta todas as suas vivências e violências sofridas. (MARRIEL et al., 2006)

Por esta razão, pensou-se ser interessante destacar algumas questões relacionadas à escola e à família como espaço de socialização da cultura e da cidadania que, serão apresentadas no tópico a seguir.

4 A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA E DA FAMÍLIA COMO ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO DA CULTURA E CIDADANIA

Para melhor compreender a presença da violência presente nos relacionamentos interpessoais é preciso pensar a família enquanto um espaço de socialização e de construção das subjetividades.

Constata-se que alunos provenientes de faixas etárias cada vez menores, em torno de 8 a 13 anos já se encontram envolvidos em situações de violência. Também há relatos de que crianças da educação infantil já apresentam reações violentas, percebendo-se que até a fase entendida como inocente da criança vem sendo atingida. Cabe aqui ressaltar a participação familiar neste contexto, pois, a família é essencial no desenvolvimento de qualquer indivíduo, ela é a base para a formação da personalidade. Entretanto, não se pode deixar de destacar que a formação da personalidade recebe diferentes influências, sendo que desde o nascimento o sujeito recebe inúmeros estímulos em variados ambientes e são essas influências que ajudam na formação do caráter e da personalidade.

O que acontece na escola, bem como os seus problemas relacionais são reflexo do meio social o qual estamos inseridos, com suas carências, seus conflitos e expectativas e especialmente do meio social básico e nuclear, a família. (MORGADINHO, 2007).

As experiências de violências que me deparo no cotidiano escolar, são com alunos provenientes de relações familiares disfuncionais, ou seja, onde são frequentes atitudes agressivas, grosseiras, desrespeitosas, preconceituosas, superprotetoras ou ausentes.

Estas famílias são parte do problema da violência na escola. Visto que a violência está presente no meio social, ela infiltra-se nas relações familiares fazendo parte do seu cotidiano e conseqüentemente do cotidiano das crianças.

Os alunos muitas vezes nada mais são do que o reflexo. Isto é, o pai que tem a atitude de ameaçar de morte professores e diretores e a mãe que tenta agredir a assessora escolar - ambos por terem sido denunciados pela escola por agressão física à própria filha - cria um ambiente onde suas atitudes dificultam a possibilidade de seus filhos aprenderem o sentido, o significado e a importância de valores como a compreensão, solidariedade, tolerância, amizade, paz, fraternidade e o respeito à diversidade, aos professores, aos funcionários e aos colegas. Crianças e adolescentes que vivenciam situações violentas em seu contexto social e familiar podem ter sua base educacional para a cultura e cidadania significativamente prejudicada por conviverem em um ambiente favorecedor com este tipo de comportamento.

Além das atitudes agressivas, há muitos outros comportamentos de predisposição e incitação à violência vindos da própria família. Muitas das recomendações dos pais aos filhos estimulam a sua e agressividade, seu desrespeito e incivilidade.

Muitas das sementes da violência na escola começam em casa com a falta de autoridade e consequente falha de regras, a ausência ou esbatimento dos modelos de comportamento dos pais e também pelo abandono, abuso e frustrações de que são vítimas. A família é sempre parte da solução do problema da violência escolar. Na medida em que é um espaço de convivência respeitosa, de interiorização de regras e valores, de cooperação e valorização do trabalho, de equilíbrio afetivo, de autenticidade de relações, cultiva a responsabilidade em clima de justiça e correção positiva e cria atitudes fomentadoras de relações sadias que se transferem para o ambiente escolar. (MORGADINHO, 2007).

Alguns pais, quando percebem o que está acontecendo, não sabem o que fazer, enquanto outros não se dão conta do que ocorre e muitas vezes acabam sendo cúmplices de todo esse processo de massificação da violência.

A família é importante na prevenção da violência na vida das crianças por ser a principal referência da criança no desenvolvimento de seu comportamento, sendo encarregada de transmitir aos filhos as primeiras noções de ética e respeito para o melhor convívio com o grupo. (CURY, 2003).

Este conceito exige avaliações críticas, com investigações mais aprofundadas do assunto visando compreender e reconhecer a violência no contexto escolar, pois esta produz grandes preocupações e sensação de impotência diante dos fatos que a envolvem.

Hoje, o ponto mais grave é os pais não assumirem o seu papel, a sua função dentro da família, que é educar os filhos, dando amor, disciplina e limites. Contudo, é preciso observar os comportamentos e as atitudes apresentadas pelos pais. Sendo alguns presentes e outros totalmente ausentes em suas vidas e atividades. Outros sendo representantes da moral e dos valores, muitas vezes equivocados, em nada auxiliam na formação dos seus filhos.

Os pais precisam se aproximar mais de seus filhos. Pois na maioria das vezes, os pais têm dividido seu dia desta forma: oito horas no trabalho, oito horas dormindo e as oito horas restantes dividem-se entre praticar alguma atividade física, ver televisão, usar o computador, realizar tarefas domésticas ou conversar com amigos nas redes sociais restando muitas vezes apenas alguns minutos com os filhos.

Segundo Cortella (2009) as crianças nos dias atuais não têm muito contato com os adultos da família devido aos mesmos estarem trabalhando e não terem tempo para conversar com os filhos ou por simples desinteresse. Isso gera uma situação de extremos: ora apresentam comportamentos excessivamente agressivos com os filhos, ora excessivamente condescendentes com eles, tentando sanar a culpa da ausência na vida do filho. Porém, a

condescendência é tão danosa quanto à ausência ou a indiferença, pois esse fator muitas vezes leva à falta de autoridade dos pais e conseqüentes atitudes de violência até contra eles mesmos.

A ausência de regras e de responsabilidades impossibilita o exercício da liderança, o que, dificulta a educação para a vida e para a sociedade. Essa debilidade da autoridade familiar reverte-se na alteração do seu papel refletindo no papel da escola e resultando no enfraquecimento da autoridade escolar.

Todavia, se os pais tivessem uma atitude diferente mediante a essa situação, haveria de certa forma uma mudança positiva no relacionamento familiar. Tais comportamentos poderiam ser diferentes se, junto com a formação da criança, os pais, além da afetividade, impusessem as regras, correções, conseqüências e recompensas com o intuito de levar a criança a refletir sobre o seu papel no lar e na sociedade.

Os filhos deveriam aprender com os pais sobre o mundo, sobre os valores morais e éticos, sobre a questão da violência, sobre o respeito ao ser humano e à diversidade. Entretanto, isto requer tempo, coisa que os pais, preocupados com a crise, com as contas e obrigações domésticas, e com a necessidade de trabalhar cada vez mais para assim poder dar conta de suas responsabilidades essenciais, como despesas com água, energia, alimentos, e vestuário, pouco dispõe. É importante gastar tempo com as crianças. Contudo, a sociedade desorganizada não oferece o devido ambiente aos pais para que possam assim proceder.

O exemplo de autoridades e pessoas públicas em nada contribui para a diminuição da violência. As grosserias, as violências físicas e verbais são observadas constantemente no cotidiano, na mídia, na imprensa e na internet. E a criança/adolescente/jovem mediante a isso tudo segue o exemplo daquilo que vê ou vivencia e repete a essas atitudes nas suas relações.

Mediante a essa constatação torna-se necessário que o adulto organize o seu tempo para a convivência com a criança/adolescente ou jovem. Se o adulto não administrar bem o tempo dele para dar a devida atenção à criança, ela não saberá como requerer esse tempo para sua atenção. Ela somente apresenta sinais dessa necessidade. Segundo Cury (2003, p. 45): “Quem tem que programar este tempo com os filhos deve ser os pais”.

A reavaliação do papel da família na sociedade é de grande importância para que haja a redução dos índices de violência. Evidentemente, essa não é uma medida única, mas tem grande relevância quando se trata do assunto.

Pais e escola devem buscar proporcionar aos seus filhos e alunos as experiências necessárias para convivência em sociedade através da civilidade, da urbanidade, ou seja, por

meio de procedimentos que demonstram boas maneiras e respeito entre os cidadãos; afabilidade e cortesia nas relações pessoais e profissionais.

O homem tem vivido um momento delicado e crucial na história da sociedade humana. São momentos de mudanças e transições, em que novas constituições e valores redesenham a estrutura familiar contemporânea. Porém, há também, nas famílias tradicionais, juntamente com todas estas mudanças, a ausência de tomar para si as suas responsabilidades. Os pais tornaram-se negligentes, quando perderam a dimensão dos seus direitos e deveres como pais e responsáveis pela educação de seus filhos. Já os filhos têm crescido em um ambiente onde acreditam que podem tudo, onde suas vontades são realizadas expressamente, fazendo com que acreditem que estão certos e têm razão em tudo que fazem e que será assim sempre.

Porém, se a criança cresce em um ambiente familiar que prima em prepará-lo para ser capaz de respeitar limites, distinguir certo e errado, manter boa convivência e enfrentar situações de conflito bem como saber assumir responsabilidades sobre seus atos e valorizar a harmonia e valores morais; a escola, somada a estes princípios, sabendo conduzir seus conflitos, certamente desfrutará de um ambiente mais harmonioso e com menos violência e poderá fazer o que dela se espera: formar e preparar os alunos para que sejam cidadãos críticos, participativos, responsáveis, harmônicos e agentes de sua própria formação fazendo relação daquilo que aprendeu no lar com o que recebe e assimila na escola.

A família deve proporcionar a base com a segurança necessária para que a criança cresça em um ambiente saudável.

Os adultos precisam ter consciência da sua importante participação e cooperação no desenvolvimento da criança como cidadão. Precisam compreender que tem um papel primordial na formação dos mais jovens, ou seja, o papel de possibilitar às crianças o conhecimento dos limites e das regras para a vida em sociedade. Por isso torna-se indispensável a participação ativa e efetiva dos pais não somente na vida particular e social de seus filhos, mas na vida escolar também, acompanhando o trabalho da escola e dos professores. Auxiliando em medidas eficazes que, significativamente, ajudariam a diminuir os casos de violência escolar. Pais, professores e sociedade são os principais atores para a concepção de um ambiente verdadeiramente democrático, que cultive a paz e o respeito ao próximo e às diversidades.

A educação escolar vai além do papel social de possibilitar a vivência democrática, o desenvolvimento de habilidades cognitivas ou o contato com as culturas e artes. A escola zela pela integração social e pela criação de oportunidades para que o aluno

aprenda a conviver em sociedade, de modo que entenda que fazer parte de uma sociedade é integrar uma coletividade composta por pessoas diferentes e assim desenvolva habilidades para que aprenda ser um sujeito solidário, colaborativo e respeitoso em suas relações.

Para isso as crianças e os adolescentes precisam ter na família, um grupo de pessoas que se amam e se respeitam e que essas qualidades se estendam ao conviver com seus amigos, vizinhos, professores, etc. Também precisa ter na escola ações conjuntas entre escola, pais e sociedade tendo em vista delegar as responsabilidades e saber como transformar estas situações de violência.

Percebe-se ainda a urgente necessidade de se promover discussões a respeito do assunto, propostas estas que vem sendo defendidas por profissionais que lidam diretamente com esses tipos de violências: educadores, psicólogos, conselheiros tutelares, juristas, promotores, entre outros.

É diante desse contexto que no tópico a seguir será abordado sobre a violência na escola praticada contra os professores.

5 A VIOLÊNCIA NA ESCOLA COMO EXPRESSÃO DAS RELAÇÕES ENTRE ALUNOS E PROFESSORES

Percebe-se que a partir dos anos 2000, além da violência contra o patrimônio e nas relações entre alunos, outro tipo de violência vem se manifestando significativamente: a violência contra o docente por parte do aluno e de pais de alunos.

Os estudos relacionados à violência escolar contra professores vêm ganhando destaque em decorrência do significativo aumento no registro dos casos e adquiriu novos espaços como importante campo de conhecimento para que assim torne possível a sua erradicação.

No Brasil, a violência escolar contra professores vem recebendo maior atenção por parte de estudiosos, universidades e alguns movimentos sociais, mesmo que ainda sem grandes repercussões. Em decorrência, os estudos relacionados a este tipo de violência ainda são bastante incipientes, mesmo que algumas mudanças tenham se desenrolado ao longo dos anos.

Contudo, não se pode negar que parte disso tem acontecido em consequência da desvalorização que o professor vem recebendo por parte dos governos e da sociedade.

Ainda que a violência contra o professor seja um problema cultural de raízes seculares e que suas manifestações sejam facilmente reconhecidas desde as mais antigas estatísticas epistemológicas, a notificação dessa violência é um fenômeno recente no mundo e no Brasil.

Conforme Minayo e Souza (1999) em toda a sociedade ocidental, bem como no Brasil, é na década de 80 que o tema da violência passa a ser discutido com maior vigor na agenda de debates.

A violência contra professores se caracteriza como um fenômeno mundial, e tem sido alvo de estudos em diferentes países. Isso demonstra que esta classe tem estado vulnerável aos diferentes tipos de violências que podem ocorrer de várias formas: física, emocional, intelectual, financeira e psicológica.

De acordo com a matéria publicada pela Revista Educação em agosto de 2011, quando o estudo "Cotidiano das Escolas: entre violências", realizado pela Unesco, foi divulgado, soube-se que 47% dos professores ou funcionários das escolas analisadas já haviam sido insultados por alunos. Entre as 110 escolas pesquisadas, 11% dos membros do corpo técnico-pedagógico afirmaram ter sofrido agressão física nas escolas em que trabalharam no ano anterior. A pesquisa foi realizada em seis capitais do país. Logo, segundo a Revista, não demorou muito para que outra pesquisa ganhasse a atenção pública. Intitulada "A vitimização de professores e a alunocracia", a pesquisa realizada por Tânia Maria Scuro Mendes e Juliana Mousquer, da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), apontou que 58% dos docentes ouvidos não se sentem seguros em relação às condições ambientais e psicológicas nos seus contextos de trabalho. Além disso, 89% declararam que gostariam de contar com leis que os amparassem no que diz respeito a essa insegurança. A pesquisa envolveu questionários e entrevistas com 200 professores da rede pública e privada de dez escolas na Grande Porto Alegre (RS). (REY, 2016).

Divulgada pela BBC (British Broadcasting Corporation) - emissora pública de rádio e televisão do Reino Unido fundada em 1922 -, outra pesquisa, porém de cunho global, realizada com mais de 100 mil professores e diretores de escola do segundo ciclo do ensino fundamental e do ensino médio (alunos de 11 a 16 anos) põe o Brasil no topo de um ranking de violência em escolas.

Os números são alarmantes. De acordo com a análise divulgada, a enquete da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), mostra que 12,5% dos professores ouvidos no Brasil disseram ser vítimas de agressões verbais ou de intimidação de alunos pelo menos uma vez por semana.

Ainda segundo a pesquisa, trata-se do índice mais alto entre os 34 países pesquisados - a média entre eles é de 3,4%.

O *Talis*, na sigla em inglês que traduzido significa estudo internacional sobre professores, ensino e aprendizagem, também revelou que apenas um em cada dez professores (12,6%) no Brasil, acredita que a profissão é valorizada pela sociedade; a média global é de 31%. O Brasil está entre os dez últimos da lista nesse quesito, que mede a percepção que o professor tem da valorização de sua profissão.

Mediante a todos esses números, não há como negar que a violência contra professores tornou-se um problema concreto, real, atual, que se complica a cada dia mais e que vem tomando destaque na mídia.

A violência que os professores vêm enfrentando recentemente no decorrer de alguns anos são resultado de inúmeros fatores, dentre eles destacam-se: pouca segurança na escola e imediações, carência em punições administrativas e judiciais mais severas aos alunos indisciplinados ou violentos e a omissão da família na vida educacional dos filhos. (CANDAUI, et al, 1999).

Professores, diretores de escolas, alunos e especialistas em educação ouvidos pela reportagem da BBC Brasil (British Broadcasting Corporation) apontam para direções diversas, sugerindo que agressões contra educadores seriam fruto do histórico familiar dos alunos, da falta de políticas públicas e policiamento e também de professores mal preparados – e até mesmo agressivos.

Outro fator muito importante é o fato de que, conforme descreve Chrispino (2004, p. 45):

A escola tornou-se uma escola de massa que passou a abrigar alunos diferentes, com inúmeras divergências. Habitada a lidar com iguais, a escola não se preparou para essa diversidade dos alunos. Por isso, surgem antagonismos que se transformam em conflitos e que podem chegar aos extremos da violência.

Percebe-se, então, que escolas, alunos e professores não falam a mesma língua e que a escola não atende mais às necessidades dos alunos.

Quando ainda temos o mesmo modelo de escola desde a época de Dom João VI, onde esse modelo não apresenta sinais algum de evolução, essa escola acaba sendo vista pelo aluno como uma escola chata e entediante. Acabam recaindo sobre o professor todas as inquietações e insatisfações dos alunos. O professor deixa de ser uma figura que representa a autoridade, a possibilidade de se obter conhecimento e de proporcionar a troca de saberes, pois sobre ele recai a imagem da escola desinteressante. Entretanto, em meio esse processo, o professor vê-se sozinho, apenas com os únicos recursos que ele dispõe: o giz, a lousa e o

apagador. Ele não dispõe de amparo nem do governo e nem da família, enquanto sua realidade, principalmente na rede pública, é uma situação com salas superlotadas e professores mal remunerados.

Ao se pensar sobre essa realidade torna-se importante e necessário compreender também que antigamente havia um olhar respeitoso, de valorização e de reconhecimento social aos professores e que, atualmente, esses sentimentos perderam o seu lugar gerando a desvalorização, o desrespeito, o estresse e o desânimo dos mesmos.

Contribuindo com esse pensamento Pereira (2000) relata que o professor era um profissional respeitado e responsável pelo crescimento intelectual e social do aluno e hoje ele está sufocado diante das práticas de violência, que danificam a sua capacidade e a sua estimulação diante do exercício de sua profissão.

Os professores estão cada vez mais desgastados com a profissão e o desrespeito dos alunos contribui em grande parte para isso, pois sem o mínimo de autoridade, os professores não podem executar seu trabalho com dignidade.

Esses profissionais sentem-se prejudicados em relação aos alunos, pois os mesmos são alvos de ameaças, agressões e desrespeitos em todos os níveis na sala de aula; sendo que esses são alguns dos fatores que desestimulam professores a seguirem em frente na profissão. (COLOMBIER, 1999).

Ainda falando sobre as ameaças que preocupam professores, segundo Abramovay (2003) a forma mais comum são principalmente as ameaças e promessas de agressões e retaliações físicas depois do horário de aula e fora dos muros da escola.

Pode-se dizer que, geralmente, essas ameaças dos alunos surgem devido às discordâncias sobre as notas e as condutas disciplinares. Há também as situações em que o professor pune um aluno, expulsando-o da sala de aula, suspendendo o mesmo temporariamente da escola e/ou proibindo o seu ingresso na sala de aula sem a presença dos pais ou responsáveis.

Desse modo, observa-se que a violência dos alunos contra os professores no cotidiano escolar, por meio das ameaças diretas e/ou indiretas tem também, além do contexto familiar e social em que estão inseridos, a dificuldade dos mesmos em respeitar as regras da escola e/ou a autoridade do professor. A exemplo disso, Abramovay e Rua (2003) afirmam que aproximadamente 1/3 dos alunos das escolas observadas demonstram comportamento indisciplinado, apresentando percentuais significativos quando se trata de “gazejar” aulas.

De acordo com Barreto (1992), muitos são os relatos de profissionais que sofreram algum tipo de violência física ou moral e que não procuram seus direitos por medo de represálias de alunos ou de suas famílias.

As agressões físicas e/ou verbais e as ameaças de alunos contra professores são evidências observadas pelo sofrimento do profissional da educação, que se torna vítima da desvalorização da sociedade e da própria família, que cada vez mais encarrega à escola funções educativas que são de sua responsabilidade.

Professores sem autoridade e desmotivados com o quadro de abandono da carreira, pais que repassam para a escola a tarefa de educar, alunos inquietos, escolas e salas de aulas que parecem ter parado no tempo, sem a mínima estrutura física para receber seus alunos e professores somados a governos omissos formam a bomba-relógio da violência no cotidiano escolar.

O fato é que cada vez mais a violência se faz presente nas relações entre professores e alunos, e essa forma de violência produzida no dia a dia de nossas escolas parece não causar indignação à maioria dos grupos sociais que formam a escola.

A violência quando passa a ser aceita, chega a ser banalizada; sendo banalizada, faz com que a educação perca seu significado maior, em que a transformação não faz mais diferença.

Para Abramovay (2005, p. 106): "a falta de respeito, a indiferença à presença do professor e a desconsideração pelo poder dos docentes na escola são pontos de tensão no relacionamento entre alunos e professores".

O professor ao se expor com a violência dos alunos, conseqüentemente, se sente inseguro e com medo, e isso prejudica e causa um aspecto negativo no seu desempenho enquanto docente e, também em relação ao aprendizado dos alunos.

O drama de precisar conviver com a violência física e psicológica na escola está presente em relatos de educadores de todo o Brasil. Eles já levaram tapas, socos, chutes, foram ofendidos por alunos e pais. Alguns superaram o trauma, outros não conseguem voltar para a escola. Eles não querem assumir o papel de vítimas, e reconhecem que a escola precisa mudar. Mas pedem respeito, e principalmente, querem ser valorizados como professores.

6. A IMPORTÂNCIA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Os trabalhadores da educação tem experienciado e manifestado de diferentes formas as consequências das más condições de trabalho que lhes são impostas e das situações de violências que tem vivenciado, ou seja, condições nem um pouco propícias para a realização da tarefa de ensinar.

Sendo assim a docência tem sido usualmente relacionada a uma profissão de risco com forte vinculação a níveis de estresse elevado e ao comprometimento da saúde mental do docente.

Para Codo (1999, p. 165) “A ocorrência da violência como parte integrante do cotidiano da escola é literalmente incompatível com o trabalho de educar”.

O diagnóstico da realidade escolar nos dias de hoje tem retratado condições de trabalho nada convenientes, pois apresentam infraestruturas comprometidas, com ambientes desconfortáveis, poucos recursos financeiros, limitações ou ausência de materiais didáticos-pedagógicos e tecnológicos, carência/ausência de profissionais do campo de apoio pedagógico, inércia de órgãos públicos e governamentais, dentre outras.

Todos esses aspectos têm, nos últimos anos, demandado a necessidade da mobilização de políticos, representantes da população, no encaminhamento de projetos de lei e políticas públicas que procurem garantir ações de combate e prevenção que objetivem diminuir a incidência de casos de violência escolar contra professores bem como garantir um ambiente de trabalho favorável para os mesmos e também para os estudantes.

Esses eixos referentes às condições estruturais da escola, como por exemplo: defasagem de salário falta de recursos didáticos, falta de interesse e de uma participação mais colaborativa dos pais dos alunos, ausência de profissionais no setor pedagógico, falta de material e ambiente para elaborar e/ou diversificar aulas, falta de iniciativa e de recursos financeiros vindos do estado e pouca valorização do trabalho do professor estão indubitavelmente correlacionados com a satisfação, com o comprometimento e com a qualidade do trabalho do docente, assim como a satisfação, a interação e a identificação do aluno com a escola e com o professor.

Mas um exame mais atento da questão revela que a infraestrutura das escolas deixa bastante a desejar, principalmente em dois tipos de recursos: materiais de apoio ao ensino e recursos que promovem melhores condições de trabalho. Lembre-se que entre as duas principais reivindicações dos professores estão às condições de trabalho. De fato, este tipo de reivindicação é apoiada por 60% da categoria profissional. (CODO, 1999, p.169)

Políticas públicas, leis e recomendações voltadas para a educação que possibilitem segurança, melhoria da qualidade e das condições de trabalho destes profissionais geram juntos um ambiente escolar saudável, promissor, de qualidade, promovedor da cultura da paz e de um ensino significativo para a vida destes estudantes e conseqüentemente para estes trabalhadores.

Entretanto, as principais reclamações dos professores são: a falta de interesse dos pais, a falta de valorização do professor, a falta de tempo em decorrência das cargas horárias excessivas de trabalho, a falta de infraestrutura e a falta de uma ação colaborativa e conjunta do governo junto à escola e aos professores. Tantas ausências produzem no docente e na escola a dificuldade em atender uma política educacional defasada e ao mesmo tempo atender às necessidades individuais de seus alunos.

Os professores, em sua maioria, ao deixarem suas casas rumo ao seu trabalho, partem motivados a exercer a docência da melhor maneira possível, porém ao se depararem com a falta de infraestrutura, com as jornadas extensas, com a falta de reconhecimento social, com a indisciplina e a violência, acabam voltando com a sensação de cansaço e frustração frente ao não alcance dos seus objetivos profissionais.

Esta realidade configura uma situação de completo abandono das escolas pelo poder público e pela comunidade.

Para Codo (1999, p. 163), precisa haver entre escola e comunidade uma “dinâmica de integração” onde se “exige a configuração de ações recíprocas”.

Segundo ele,

Trata-se de facilitar a construção de um novo modo de relacionamento da população não apenas com a escola, mas também com o serviço público como um todo. O direito à educação exige a fiscalização das escolas por parte da comunidade, tanto como a participação ativa e crítica na solução dos problemas que ela enfrenta, ou seja, o exercício da cidadania, que implica o controle dos serviços do Estado pela população. Esse pode ser um dos caminhos que leve à construção de uma escola pública mais segura no Brasil. (CODO, 1999, p.164).

Por fim, algumas iniciativas como apresentar ou propor soluções viáveis para o combate e a superação da violência escolar contra professores e em geral ou estratégias para evitar este mal que atinge os espaços escolares bem como sua comunidade e implantar propostas de intervenções na escola que visem traçar os elementos principais que orientam o nascimento das políticas públicas voltadas para a superação das condutas violentas que atingem os estabelecimentos escolares devem ser buscadas ou criados junto aos órgãos públicos, à comunidade e aos representantes da classe docente.

Nesse sentido, essas iniciativas também envolvem o desenvolvimento de trabalhos em conjunto com as famílias dos alunos conscientizando-as das necessidades de acompanhamento da vida escolar dos seus filhos durante o ano letivo e na vida concomitantemente com o trabalho de psicólogos e assistentes sociais, dando suporte aos problemas familiares e sociais; ajustar o espaço escolar no que diz respeito a aparência física de modo a torná-lo mais agradável e prazeroso, melhorando o aspecto e a estrutura das salas de aula, reestruturando ou criando a sala dos professores, a biblioteca, o laboratório, a sala de apoio pedagógico, a sala de informática e a secretaria com recursos financeiros vindos do governo e outros órgãos; desenvolver atividades e políticas públicas para valorização do trabalho docente em parceria com técnicos pedagógicos, psicólogos, assistentes sociais, secretarias de educação, saúde e direitos humanos, buscando desenvolver cursos de atualização compatíveis às necessidades dos professores através da busca em obter um resultado positivo de seus trabalhos direcionando de modo ao máximo de aproveitamento.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este estudo conclui-se que os vários autores pesquisados contribuem para a compreensão da temática da violência escolar contra os professores e em geral.

De acordo com alguns dos autores pesquisados pode se perceber em vários momentos que, o espaço escolar não tem se constituído em um ambiente de estruturas e princípios sociais democráticos e igualitários, tal como idealizado pela sociedade em geral e que a escola de hoje bem como os seus professores e funcionários não estão adequadamente preparados para lidar com o aluno contemporâneo, nem com as situações de conflitos encontradas no espaço escolar.

Embora se espere que a escola desempenhe esse papel de ser um lugar onde aprende-se e pratica-se a democracia, o respeito, a inclusão e a convivência das diversidades ela, também, acaba exercendo outro papel, o de exclusão e seleção social, manifestando preferência sobre alguns e despojando de outros. Na maior parte das vezes, esse comportamento acaba sendo gerador das mais variadas manifestações de violência na escola, inclusive contra o próprio professor.

Ao pôr de lado os que não conseguem responder às expectativas quanto à aprendizagem, ao comportamento e ao relacionamento com os integrantes da comunidade escolar, a escola está também praticando a violência e dando legalidade para ações violentas em resposta a esses tipos de comportamento. Isso acaba prejudicando a conduta e a postura do

professor diante da comunidade escolar e da sociedade em geral, conduzindo esse professor a sofrer violência contra si mesmo.

Assim, o combate a este tipo de violência deve ser iniciado por uma mudança de percepção em relação a figura do professor e da escola. Ser professor não deve significar vergonha ou última opção, pois é através dessa profissão que se pode construir o futuro.

Em segundo lugar, o enfrentamento às violências praticadas contra o professor deve passar por um processo de conscientização de direitos e pela valorização da profissão pela sociedade e pelos próprios professores. Processo no qual um estatuto seria uma importante ferramenta. Concomitantemente a isso, o Estado, em suas diferentes esferas – Federal, Estadual e Municipal, deve assumir seu papel de elaborar e executar políticas públicas de atenção aos professores em consonância com os movimentos sociais e entidades da sociedade civil, cuja tarefa deve estar centrada na reivindicação da implementação dessas políticas.

A família, da mesma forma, contribui e muito para o enfrentamento do problema da violência contra professores, pois é o espaço de convivência onde também se constrói regras e cultiva-se valores como o afeto, a responsabilidade, a justiça, a solidariedade, o respeito, a cooperação, o trabalho, entre outros.

Na medida em que é esse espaço, internaliza-se o equilíbrio afetivo e a autenticidade dessas relações positivas cria ações fomentadoras de conexões sadias que se prolongam ao ambiente escolar.

A colaboração dos pais é indispensável na luta contra a violência escolar. Através da atuação serena e vigilante da família, a escola poderá enfrentar a violência escolar com mais força.

É muito importante que haja um envolvimento da família e da comunidade numa ação persistente e concertada de previsão no cotidiano escolar.

Finalmente, vale ressaltar, que o contraponto estabelecido neste artigo entre a necessidade de concepção de leis e políticas públicas que apoiem aos professores, da reivindicação da presença da família no cotidiano escolar, da valorização dos professores pela sociedade e da adequação da escola aos dias de hoje bem como sua modernização através da atualização cultural e pedagógica, não teve a intenção de vitimizá-los. Através da observância dos fatos, relatos e estudos, buscou-se salientar a carência da valorização dos mesmos e da eminente desvalorização que vem sofrido pelo desconhecer ou pelo esquecimento da sociedade quanto ao importante papel que o professor desempenha.

Compreende-se que discutir os paradoxos existentes entre sua concepção e o seu exercício tornou-se sumamente necessário a fim de assegurar sua efetividade no desenvolvimento de suas competências, pois sendo elas bem exercidas garantem o futuro nas áreas da saúde, da educação, da política, das engenharias, da ciência, do lazer, do conviver bem, dentre outras.

Entretanto, buscou-se evidenciar que as únicas medidas eficazes são aquelas que passam pela mobilização e cooperação da família, da comunidade, de professores e alunos, das autoridades e associações de âmbito geral e local na tentativa de investigar as causas para que assim se possa adotar medidas que visem o combate à violência escolar contra os professores e em geral, provocando assim, a integração social da sociedade juntamente com sua comunidade, professores, alunos e suas famílias.

THE VIOLENCE PRESENT IN RELATIONS BETWEEN STUDENTS AND TEACHERS IN THE SCHOOL CONTEXT: A BIBLIOGRAPHIC STUDY.

Abstract: This scientific paper discusses the theme "The violence present in relations between students and teachers in the school context." The overall objective is to provide theoretical subsidies that contribute to the theme of reflection of violence present in relations between students and teachers at school. Therefore, the specific objectives that guide are: to see how the school environment can be potentiator of violent acts committed by students against teachers, identify how the family environment can contribute to the development of violent acts committed by students against teachers at school, identify how the social environment can contribute to the development of violent acts committed by students against teachers at school. Thus, this study was characterized as a bibliographic, exploratory and descriptive research on the central categorical involving the study subject from the following sources: books and articles published in the following databases: scielo and academic google from the following descriptors: violence at school and school and family as citizenship building space. As for books this was based on the production of the following authors: Abramovay (2003/2005); Baker, (1992); Colombier (1999); Cortella (2009); Cury (2003); Elbow (1999); Maldonado (1997); Michaelis (2008); Minayo (1994) and Pereira (2000); Candau et al (1999) and Chrispino (2002). The analysis of data obtained from the study of literature and exploratory-descriptive research was carried out by consolidating technique, aiming detailed investigation of researched content. The main results point to the fact that both teachers and other school staff are not adequately prepared to deal with the contemporary

student or with situations of conflict found in the school environment and the urgent need for effective Public Policy, laws and recommendations aimed at education to enable a healthier school environment.

Keywords: Violence. School. Education. Family

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Cotidiano das escolas: entre violências**, Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005. 404 p.

_____, **Violências nas escolas: versão resumida**. Brasília: UNESCO, 2003.

Disponível em: <http://www.unesco.org.br/publicacoes/bibliotecavietural/index_html/mostra_documento>. Acesso em: 16 jul. 2015.

_____, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. 2. ed. Brasília-DF: UNESCO, 2002.

BARRETO, Vicente. **Educação e Violência: reflexões preliminares**. In: ZALUAR, Alba (org.). **Violência e educação**. São Paulo: Cortez, 1992.

BONETI, Lindomar Wessler; PRIOTTO, Elis Palma. **Violência Escolar: na escola, da escola e contra a escola**. Revista Diálogo Educacional, v. 9, n. 26, p. 161-179, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2009.

CANDAU, Vera Maria; LUCINDA, Maria da Consolação; NASCIMENTO, Maria das 10 Graças. **Escola e Violência**. Rio de Janeiro: DPA, 1999.

CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 4. ed. São Paulo: Makron, 1996.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**, Sociologias, Porto Alegre, no 8, 2o semestre 2002.

CHRISPINO, Álvaro. **Mediação de conflitos**. **Revista do Professor**. Porto Alegre, ano XX, n. 79, p. 45-48, jul/set. 2002.

CODO, Wanderlei. **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999.

COLOMBIER, Claire. **A violência na Escola**. São Paulo: Summus, 1999.

CORTELLA, M. S. **Qual é a tua obra?** Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. Petrópolis: Vozes, 2009.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DAHLBERG, Linda L., KRUG, Etienne G. **Violência: um problema global de saúde pública**. Relatório Mundial sobre Violência e Saúde. OMS, Organização Mundial de Saúde.

Genebra: OMS; 2002. Version of the Introduction to the World Report on Violence and Health (WHO): Geneve: WHO, 2002, authorized by the authors

FERNANDES, Daniela. **Pesquisa põe Brasil em topo de ranking de violência contra professores.** BBC Brasil, 29 ago. 2014. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140822_salasocial_eleicoes_ocde_valorizac_ao_professores_brasil_daniela_rw. Acesso em: 21 fev. 2016.

FERREIRA, T. H. S; FARIAS, M. A. **Adolescência através dos Séculos.** *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Universidade Federal de São Paulo, v. 26, n. 2, p. 227-234, abr./jun. 2010.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MALDONADO, Maria Tereza. **Os construtores da paz:** caminhos da prevenção da violência. Coleção Polêmica. São Paulo: Moderna, 1997.

MARRIEL, Lucimar Câmara et al. **Violência escolar e autoestima de adolescentes.** *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 127, jan./abr. 2006

MICHAELIS, **Dicionário Prático de Língua Portuguesa.** São Paulo: Melhoramentos, 2008.

MINAYO, M. C. S. **Social Violence from a Public Health Perspective.** *Cad. Saúde Públ.* Rio de Janeiro, 10 (supplement 1): 07-18, 1994.

MINAYO, M. C. de S.; SOUZA, E. R. de. É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, 1999, vol. 4, n. 1. p.7-25. ISSN 1413-8123.

(MORGADINHO, Otávio Gil. **A família e a violência na escola**, 2007. Disponível em: <<http://ojornaldafamilia.blogspot.com.br/2007/06/familia-e-violncia-na-escola.html>.> Acesso em: 27 de jan. 2016.

NUNES, M. F. R; ABRAMOVAY, M. **Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas.** Brasília: Unesco; Fundação W. K. Kellogg; Unirio, 2003

PEREIRA, Luiza. **Os professores como profissão de risco.** Coimbra: Educare, 2000, p. 05. Disponível em: <http://www4.fe.uc.pt/fontes/trabalhos/2008022.pdf>. Acesso em 25 jul. 2015.

REY, Beatriz. **Vida docente Tempos Sombrios.** *Revista Educação*, ago. 2011. Disponível em: <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/156/artigo234750-1.asp>. Acesso em: 20 fev. 2016.